

ROBERT ROSENSTONE E OS CINEASTAS-HISTORIADORES.

Roseane Monteiro Virginio.

Roseane Monteiro Virginio¹

Resumo:

Este texto propõe discutir a perspectiva do historiador canadense Robert Rosenstone a respeito da possibilidade dos cineastas escreverem a História a partir das suas obras filmicas, ou seja, de cineastas como historiadores. Essa maneira de se produzir História tem as suas peculiaridades e suas regras de representar e lidar com o passado histórico..

Palavras-chave: Robert Rosenstone. Cineastas-Historiadores. Escrita da História.

Introdução:

Robert Rosenstone (1936-) é um historiador canadense que lecionou por décadas no curso de História do *The California Institute of Technology* (EUA), suas pesquisas historiográficas são *Romantic revolutionary: a biography of John Reed* (1975) e *Crusade of the left: the Lincoln Battalion in the Spanish Civil War* (1969). Foi consultor histórico durante 7 anos para o drama histórico *Reds* (1981) de Warren Beatty, em que a película retrata o escritor norte-americano John Reed, autor do livro sobre a Revolução Russa, *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*.

Ele continuou os seus trabalhos como consultor histórico para o documentário *The Good Fight: The Abraham Lincoln Brigade in the Spanish Civil War* (1984) de Noel Buckner, Mary Dore e Sam Sills – esse documentário faz uma ressalva de uma milícia comunista norte-americana que lutou pelos Republicanos espanhóis na Guerra Civil de 1936 a 1939 – e no drama histórico e biográfico *Darrow* de John David Coles de 1991 onde se exibe a vida e a carreira de um notório advogado americano durante a Guerra Civil de 1861-1865.

Depois dessa experiência com o cinema, Rosenstone iniciou e aprofundou os seus estudos sobre a relação cinema-história: *Visions of the Past: The Challenge of Film to Our Idea of History* (1995), *Revisioning History: Filmmakers and the Construction of a New Past* (1995), *History on Film / Film on History* (2006). Este último foi publicado em 2010, com o título em português *A história nos filmes, os filmes na história* e traz uma nova abordagem para a relação entre cinema e história.

CINEASTAS E A HISTÓRIA.

Se autodenominando um historiador pós-moderno, possuindo uma relação intelectual com o teórico norte-americano Hayden White² (1938-), Rosenstone afirma que a sua intenção como a dos demais pós-modernos é trazer a prática da história para o século XXI com vitalidade.

Queremos que o nosso profundo interesse e cuidado com o passado seja expresso em formas agradáveis tanto para uma sensibilidade contemporânea quanto para sistemas intelectuais consoantes com a nossa própria era (ROSENSTONE, 2015, p.16).

¹ Mestrado em História pela Universidade Federal de Alagoas. Pesquisa a relação História e Audiovisual, História Cultural e História de Alagoas.

² Historiador norte-americano que tem como foco os estudos entre Ficção e História, e tem sua obra *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX* (1973) como a ebulição da discussão entre Ficção e História.

ROBERT ROSENSTONE E OS CINEASTAS-HISTORIADORES.

Roseane Monteiro Virginio.

Ele supõe que uma forma de expressão contemporânea que vai conduzir a nossa cultura tanto para presente quanto para futuro e ainda mais irá agradar a todos, seriam as mídias visuais (filmes, séries, novelas).

Primeiro, o cinema e, mais tarde, o seu rebento eletrônico, a televisão, se tornam, em algum momento do Século XX, o principal meio para transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais ou uma combinação das duas coisas. Filmes, minisséries, documentários e docudramas históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história. (ROSENSTONE, 2015, p.17).

As películas detêm um poder exorbitante sobre os conhecimentos que temos a respeito da nossa história nacional, mundial e das diversas culturas de outras nações. Por diversas vezes aprendemos história pela óptica da tela, dos sons, das cores, das músicas, dos ângulos e pela capacidade de condensar uma era, cem anos em apenas duas horas. “[...] os filmes históricos, mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afetam a maneira como vemos o passado [...]” (ROSENSTONE, 2015, p.18). No entanto, Rosenstone ressalta aos historiadores acadêmicos que a história escrita não é a única prática de se produzir história, porque os filmes também têm essa qualidade: “[...] o filme histórico cria o passado, cria imagens de um mundo que é, ao mesmo tempo, ficção e história. Porém, um tipo especial de história que, como todas as formas de história através do tempo, tem regras próprias e particulares de comprometimento com os vestígios do passado.” (ROSENSTONE, 2009, p. 394). Mesmo que alguns eventos, cenas, pessoas são inventados para a construção fílmica, Robert Rosenstone não vê isso como um problema e sim uma qualidade, ou seja, como uma maneira de simplificar e o conhecimento histórico para o grande público.

Inspirado por Hayden White e pelo historiador holandês Frank Akersmith (1945-), estes autores formaram a base dos escritos de Rosenstone, contribuíram para uma visão para além da história tradicional, pois possibilitaram a busca de novas maneiras e diferentes formas de representar o passado. Para ele, são as mídias visuais que dão essa vitalidade para a Historiografia, ou seja, afirma que há uma escrita fílmica da história.

Já o historiador francês Marc Ferro acredita que os filmes e a televisão são como uma “escola paralela”, onde o conhecimento histórico e a história escrita estão à mercê das mídias, e seria algo preocupante. Dessa maneira, o cinema é uns dos meios mais didáticos, como no caso do *Encouraçado Potemkin* de Sergei Eisenstein, filme que auxilia na compreensão dos espectadores sobre a Revolução Russa (1917). Ferro não credita o cineasta a se tornar um historiador, por mais que Eisenstein tenha uma abordagem marxista que ignora a visão individualista e particular, no entanto, ele não justifica suas metodologias e nem suas escolas teóricas, o que interessa a Eisenstein não é resolver problemáticas e sim dar o seu testemunho sobre a realidade existente, ou seja, para Ferro um cineasta pode deixar um tema inteligível através dos seus filmes, mas isso não o faz um verdadeiro historiador, porque:

Ora, tanto num caso como no outro, o cineasta seleciona, na história, os fatos e os traços que possam alimentar sua demonstração, deixando de lado os outros, sem ter que justificar ou legitimar suas escolhas. Assim, ele agrada a si mesmo e àqueles que compartilham de suas crenças, que constituem de seu ‘público’. Se a causa assim defendida for amplamente compartilhada, os negócios irão bem para o cineasta, e seu desejo de prestígio será satisfeito. Porém não necessariamente a análise histórica, isto é, a inteligibilidade dos fenômenos (FERRO, 2010, p.183-184).

O historiador francês percebe que “há cineastas que contribuem, de modo criativo, para que certos fenômenos históricos se tornem inteligíveis” (FERRO, 2010, p.184) como os italianos Roberto Rossellini e Luchino Visconti (1906-1976), e Jean-Luc Goddard (1930-). Esses cineastas possuem uma visão engajada, alternativa da história e do tempo presente, construindo uma contra-história, pois “[...] é uma contribuição original para inteligibilidade dos fenômenos passados, ou de sua relação com o presente [...]” (FERRO, 2010, p.186).

ROBERT ROSENSTONE E OS CINEASTAS-HISTORIADORES.

Roseane Monteiro Virginio.

Outro ponto das reflexões de Robert Rosenstone é a possibilidade do cineasta ser um historiador, todavia, fazendo discernimento que há diferenças quanto a mídia, a forma de abordagem e o produto final. O diretor transmite através das imagens os acontecimentos políticos, os movimentos sociais em ação, a forma de se vestir, a música, a comida e a maneira de se impor diante do contexto vivido na forma de representação, sejam nos filmes de ficção, dramáticos, documentário, experimentais e aquelas películas que visam uma contra-história, no sentido pensado por Marc Ferro. Esses filmes fazem com que os espectadores pensem, reflitam, questionem suas realidades e os seus passados.

Rosenstone considera alguns cineastas como verdadeiros historiadores, dentre os quais, podemos citar os norte-americanos Oliver Stone (1946-), D. W. Griffith (1875-1948); os italianos Roberto Rosellini (1906-1977), os irmãos Vittorio e Paolo Taviani, respectivamente, nascidos em 1929 e 1931, o polonês Andrzej Wajda (1926-), e o brasileiro Cacá Diegues (1940-). Rosenstone constrói sua argumentação ao afirmar que alguns desses diretores utilizam diversas teorias nos seus filmes, como a de Bertold Brecht (as películas que não pretendem causar emoções, pois almejam que o público pense), as questões sobre a cultura e história inspirados nos trabalhos de Antonio Gramsci e filmes que são visões da história dos colonizados e dos excluídos.

Mas por que alguns são cineastas/historiadores? Rosenstone afirma:

O que esses diretores têm em comum é uma espécie de **interesse pessoal pela história. Todos parecem obcecados e oprimidos pelo passado. Todos continuam voltando a tratar do assunto fazendo filmes históricos**, não como uma fonte simples de escapismo ou entretenimento, mas como uma maneira de entender como as questões e os problemas levantados continuam vivos para nós no presente. (ROSENSTONE, 2015, p.174, grifo nosso).

Não acreditamos que apenas os cineastas envolvidos com o passado podem ser designados como historiadores, mas, também aqueles que têm o seu tempo presente como objeto. Questões do presente também são discutidas, reavaliados e replicados com os recentes trabalhos de alguns cineastas brasileiros como: a paulista Anna Muyleart com o seu filme *Que horas ela volta?* (2015), onde é narrada a vida de uma empregada doméstica que abdica de sua vida e de sua filha em prol do seu trabalho na casa de uma família de classe média brasileira; o filme do pernambucano Kleber Mendonça Filho, *O som ao redor* (2013) que relata o cotidiano das pessoas que vivem em uma rua de classe média em Recife, e que para fugir da violência se alia a uma milícia; e os filmes do diretor pernambucano Claudio Assis que têm uma visão aos marginalizados: anarquistas, gays, prostitutas e usuários de drogas. E o conjunto da obra do cineasta alagoano Celso Brandão, tem como características documentários que focam saberes e fazeres dos operários, pescadores, tiradores de coco e horticultores

O cineasta alagoano Celso Brandão não é um aficionado pelo passado e muito menos um realizador de filmes que tem como tema primordial a História, mas, sim observador do seu presente. Anna Muylaert, Kleber Mendonça e Claudio Assis não têm o passado com foco em seus filmes e sim problemáticas contemporâneas.

Para Rosenstone os diretores usam três maneiras de tornar o passado mais significativo. A primeira: visualizar é colocar indivíduos em situações reais, dramatizar acontecimentos, apresentar pessoas/personagens que podemos nos identificar. Essa forma faz com que os espectadores adquiram experiências e emoções vividas no passado. A segunda: contestar é fornecer diversas visões que contradizem o conhecimento tradicional, mostrar outras interpretações sobre temas, pessoas, acontecimentos tanto no âmbito pessoal, nacional e internacional. E por último: revisar versões da história de um fato com um olhar novo utilizando dos meios formativos como técnicas e narrativas para fazer com que a plateia repense o que já conhece.

E esses historiadores-cineastas criaram ao longo de suas carreiras um conjunto importante de filmes que abordam uma era, um tema, uma nação e um campo de estudos (ROSENSTONE, 2015). Rosenstone avalia que o cineasta pode ser um historiador quando ele tem uma fixação em relação ao passado que é exteriorizada através de filmes ficcionais e documentais históricos. Essa perspectiva não se aplica aos trabalhos desses cineastas: Anna Muyleart, Kléber Mendonça Filho e Celso Brandão que buscam principalmente histórias e personagens contemporâneos.

ROBERT ROSENSTONE E OS CINEASTAS-HISTORIADORES.

Roseane Monteiro Virginio.

O sentido de história para Rosenstone:

Significa aceitar a ideia de que a história não é mais (nem menos) do que uma **tentativa de recontar, explicar e interpretar o passado**, dar sentido a acontecimentos, momentos, movimentos, pessoas, períodos que desapareceram (ROSENSTONE, 2015, p.191, grifo nosso).

Levando em consideração o peso dos seus argumentos, Rosenstone afirma que não importa se o diretor tem em seu currículo filmes dramáticos ou filmes de ficção que inventam situações, lugares, personagens ou condensa acontecimentos em prol de uma melhor narrativa; todavia, o documentário não está longe das invenções em benefícios da narrativa fílmica, “é evidente que o passado na tela não visa ser literal ‘a história visa?’, mas sim sugestivo, simbólico, metafórico” (ROSENSTONE, 2015, p. 54).

Conclusões:

Se entendermos que a “História é a ciência do homem no tempo” (BLOCH, 2001), o historiador não está preso apenas na análise do passado, e sim nas diversas temporalidades que demandam da sua pesquisa histórica. Acreditamos que os filmes podem auxiliar tanto de maneira didática a compreensão do passado, como também permitir discernimento que estes buscam entreter, denunciar, evadir, educar e polemizar e não produzir ciência.

Com a sua perspectiva teórica, Rosenstone contribui para uma melhor compreensão acerca da relação entre o cinema e a história. Ele propõe repensar o papel do historiador, rever a história acadêmica e a capacidade do cineasta em problematizar e investigar o passado e, porque não, o presente. Percebemos a importância do filme como agente das ações humanas e que ele não é concebido de forma inocente.

Referências.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2ª edição. São Paulo: paz e terra. 2010.

ROSENSTONE, Robert. Oliver Stone: historiador da América recente. In: **cinematográfico: um olhar sobre a história**. nóvoa, jorge; fressato, soleni biscouto; feigelson, kristian. Salvador: edufba. São Paulo: ed. da UNESP, 2009.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. 2. Ed. Rio de janeiro: paz e terra, 2015.

ROSENSTONE, Robert. *A few words about my life and career*. Los Angeles. 2013. Disponível em <http://www.rosenstone.com/bio.html> .Acesso em 20. Maio. 2016.